

UMA GUERRA SEM FIM

HUMBERTO EUSTÁQUIO SOARES MARTINS*
Desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas

A decisão do governo do Estado de Israel de expulsar de seu território o presidente da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, agravada pela declaração de um ministro do mesmo governo, sugerindo sua eliminação, acrescentam novos e dramáticos componentes a uma crise que se arrasta há mais de um século, quando os judeus começaram a retomar à Palestina, área de onde haviam sido expulsos há cerca de dois mil anos. Durante este longo período, os judeus não tinham uma pátria.

A maioria dos governos, inclusive o do Brasil, se pronunciou contra a expulsão de Arafat da Palestina, onde ele se encontra confinado, num bunker semi-destruído, na cidade de Belém. Até os Estados Unidos, principal aliado de Israel, opinou contrariamente à expulsão.

Notável livro do jornalista norte-americano de origem judaica, Thomas L Friedman, De Beirute a Jerusalém, estabelece uma cronologia dos principais episódios que, desde 1882, resultaram na situação atual: “ 1882 – como resultado da perseguição de judeus, ocorrida no ano anterior, na Rússia e na Romênia, acontece a primeira imigração em grande escala de colonos judeus para a Palestina; 1891 – Personalidades árabes de Jerusalém enviam um documento do governo otomano de Constantinopla – a Turquia controlava então a região da Palestina e áreas adjacentes – reivindicando a proibição da imigração de judeus para a Palestina e a aquisição de terras por eles; 1986 Theodor Herzl, jornalista austríaco, fundador do sionismo moderno, publica seu panfleto O Estado Judeu, no qual argumenta que o “problema judeu” só pode ser resolvido com a criação de um Estado Judeu na Palestina, ou em outro lugar, para que os judeus possam viver livremente e sem medo de perseguições. Um ano depois, Herzl organiza o primeiro congresso sionista em Basileia, na

Suíça, com o fim de promover a imigração para a Palestina; 1908 – O Acordo Sykes-Picot é realizado entre a Grã-Bretanha, a França e a Rússia, dividindo o Império Otomano após sua derrota na Primeira Guerra Mundial. Como consequência desse acordo, a Inglaterra obtém controle efetivo sobre a área da Palestina, enquanto a França domina a região que é hoje Líbano e Síria; 1917 – a Declaração de Balfour, que aprova a idéia do estabelecimento de um “lar nacional” para o povo judeu na Palestina, é lançada por Arthur J. Balfour, ministro do Exterior britânico; 1936-39 – Os árabes da Palestina se revoltam, numa tentativa de impedir o estabelecimento de uma pátria judaica na Palestina. Tanto as colônias judias quanto as unidades do Exército britânico são alvos de ataques. 1947 – As Nações Unidas votam a favor da divisão da Palestina em dois Estados: um para os judeus, e outro para os árabes palestinos, tornando-se Jerusalém um enclave internacional; 1948 – A Inglaterra se retira da Palestina. Em vez de implementar o plano de divisão das Nações Unidas, os Estados Árabes circundantes se unem aos palestinos, tentando evitar, pela força, a emergência de um Estado Judeu. Apesar de tudo, Israel é criado; a Jordânia ocupa a margem Oeste, e o Egito, a Faixa de Gaza.

Desde essa época, sucedem-se as guerras entre árabes e judeus, e as rebeliões palestinas, ocasionando milhares de mortos, feridos, e milhões de refugiados originários da antiga Palestina.

Todos os esforços de algumas nações e muitas personalidades, em busca da paz entre judeus e palestinos, têm sido em vão.

Buscar a paz, ainda, será a grande conquista dos povos e nações.